

DEBATE

A DUALIDADE DO ESPÍRITO DAS AMÉRICAS

Esta semana a série América-92 analisa a confluência da mentalidade européia com a dos índios, negros e mestiços. O conflito entre a alma "ilustrada" e a "outra" está presente desde o descobrimento da América e pode ser percebido no primeiro documento sobre o Brasil, a carta de Pero Vaz de Caminha

LUIZ RONCARI



A emoção particular que a leitura da Carta de Caminha no Brasil provoca, além das imagens inaugurais da terra e do homem, é a de

permitir que vivamos uma dualidade que será constante na vida cultural do País, como se já o primeiro documento sobre ele a tivesse captado no nascimento. Quando Caminha descreve os primeiros contatos dos portugueses com "os homens da terra", somos sujeitos de uma emoção ambígua: a de quem vê e é visto ao mesmo tempo, e pela primeira vez. Nossas afinidades oscilam entre um pólo e outro, como se fôssemos portadores de duas almas que não conseguiram estabelecer os termos de suas relações. Ao longo da história, ora nos estabelecemos ao lado de uma, a "ilustrada", recalçando a "outra", ora tentamos reviver esta, utilizando todos os recursos da primeira. Em alguns poucos momentos assumimos e tentamos esclarecer nossa ambigüidade.

Por "alma", não quero entender aquilo que os românticos chamavam de "espírito dos povos", mas algo mais

prosaico: organização social e herança cultural, ou simplesmente cultura, mas no sentido que lhe empresta Sérgio Buarque de Holanda: "o conjunto global de crenças, idéias, normas de vida, valores, técnicas, tipos de produção e de artefatos que o indivíduo, em geral, recebe da sociedade antes como um legado tradicional do que em consequência de sua atividade criadora". São esses os elementos que ajudam a definir a sensibilidade, ritmos, disposições psíquicas, afetivas, sexuais e quanto mais emerge das memórias profundas do ser, onde se perdem as fronteiras entre o coletivo e o individual.

Agora que chegamos aos 500 anos dessa relação na América Latina, o pêndulo tende a se colocar inteiramente do lado da parte que foi negada e recalçada para a condenação eterna do europeu invasor. O receio é de uma meia auto-imolação coletiva, como se pudéssemos queimar uma das pernas do espírito e eleger a manquei-

ra intelectual como novo sinal das vantagens do atraso. Já se tentou eleger a antropofagia como figura da relação, mas ela não é boa. O ritual da antropofagia só se realiza quando a carne da vítima adquire um valor ético, dado pela valentia e coragem demonstrada ao morrer, fato que dignifica a carne e o nome. O ritual, portanto, só se realiza por inteiro numa relação entre os mesmos, com índio comendo índio. Nenhum português ou europeu tinha essa preocupação na hora do sacrifício; era muito mais próprio aproveitar as oportunidades de fuga, implorar a misericórdia ou lamentar acabar daquele jeito, nas mãos de selvagens. Foram comidos em vão, só serviam como vingança ou para matar a fome, suas carnes não adquiriam valor ético.

Buscar uma forma de apresentação e expressão das relações entre as duas almas, sem fundi-las ou confundí-las artificialmente, foi uma preocupação constante da literatura brasilei-

ra ou, pelo menos, de alguns de seus escritores. Os fatores atuantes na dinâmica dessas relações, antes de se espelham na esfera literária, incidem sobre os sujeitos dessas duas almas. Um é de origem externa, decorrente das mudanças de mentalidades processadas nos centros da cultura ocidental. E outro, de origem interna, resultado da mudança do perfil social, mas principalmente da base que esteve mais sujeita às contaminações e sincretismos culturais, que a princípio foi o índio, depois o escravo, o negro, o mameluco, o mestiço, o peão, o sertanejo, o imigrante, o pobre, a massa, etc. Na vida social, foram desenvolvidos dos mais grosseiros aos mais refinados mecanismos de exclusão, tentando reservar aos "mais iguais" as oportunidades. É como parte desses mecanismos que o favor deve ser apreciado. Se olhado apenas pelo seu prisma, pode parecer como a eleição de um critério qualitativo: favorece-se um em detrimento de um outro. Mas se olhado como mais uma engrenagem dos processos de exclusão, o fator quantitativo o revela mais perverso, pois se favorece um em detrimento de muitos, no Brasil, fechando as oportunidades a milhares. Com isso se mantém, tanto quanto possível, a impermeabilidade ou a limpeza dentro de limites con-

troláveis do corpo de alma branca ilustrada.

Um semelhante processo de exclusão também atinge a literatura, principalmente através do recalque, da sublimação e da estilização, e apreciar os momentos em que ela superou ou tentou superar essas barreiras e integrar a outra alma apresentada como vazia de cultura, significa mudar substancialmente os critérios de apreciação e valorização literária.

A visão que cronistas, colonos e jesuítas tinham do indígena e a aproximação que faziam entre ele e os animais oscilavam. Caminha compara os a certos animais não para rebaixá-los: "do que tiro ser gente bestial, de pouco saber e por isso tão esquiva. Porém com tudo isto andam muito bem curados e muito limpos. E naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias monteses, às quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e formosos, que não pode mais ser".

A oscilação, porém, fica restrita ao campo de suas naturezas e virtualidades, são as visões que forjam do outro, mas quanto à avaliação étnica e cultural não varia: são todos vazios de cultura, não têm Fé nem Lei nem Rei. Quanto a isso são unânimes, os que não querem escravizá-los, querem

catequizá-los ou civilizá-los. A distinção de Montaigne com relação às demais apreciações do indígena no século 16 está na capacidade de deslocar seu ponto de vista, no caso, do europeu para o indígena, e encenar o julgamento daquele por este. Ele pôde vislumbrar a existência de uma outra cultura: "esses povos não me parecem, pois, merecer o qualificativo de selvagens". Mas fica ainda um vazio dado pela sua maior proximidade da natureza, o que para ele não vem a ser negativo, a maior proximidade da natureza lhe permite criar uma perspectiva elevada para realizar o sentido último da empatia, o deslocar-se para o lugar do outro, e poder julgar com rigor seu próprio tempo e civilização: "Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade (a antropofagia), mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto...". Seus olhos ainda estão voltados para a Europa, é o índio que permite a perspectiva e contribui como ponto elevado de apoio, mas ainda é um outro projetado, culturalmente mais próximo dos modelos das utopias clássicas que de si mesmo.

■ Luiz Roncari é professor de Literatura Brasileira na USP